

**Frente Cultural:
experiências
socioculturais no
ambiente do
semi-árido brasileiro**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Frente Cultural:
experiências
socioculturais no
ambiente do
semi-árido brasileiro**

João Marcelo Melo

Jornalista e consultor da Fundação Quinteto Violado

Rita Maria Costa

Antrópologa e consultora da Fundação Quinteto Violado

Outubro / 2003

Série Debates e Ação – Volume 5

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

Miguel Soldatelli Rossetto

Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário

José Humberto Oliveira

Secretário de Desenvolvimento Territorial/
Secretário do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Rural Sustentável / CONDRAF

Caio Galvão de França

Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural / NEAD

F94f

Frente Cultural: experiências socioculturais no ambiente do semi-árido brasileiro

Frente Cultural: experiências socioculturais no ambiente do semi-árido brasileiro/Fundação Quinteto Violado. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural/NEAD; Recife: Fundação Quinteto Violado, 2003. 60p. – (Debates e Ação, v5).

1. Cultura. 2. Semi-árido-Brasil. I. Melo, João Marcelo. II. Costa, Rita Maria. III. Série.

Prefácio	7
1. Introdução: A Fundação Quinteto Violado	9
2. O potencial socioeconômico do semi-árido	13
3. A reserva da biosfera da Caatinga	21
4. A Missa do Vaqueiro	37
5. A experiência de uma frente cultural	49
6. A Musiarte e o Grupo Coral Aboios	54
7. Bibliografia	59

A cultura como elemento de integração e desenvolvimento

O grupo musical Quinteto Violado, com 32 anos de estrada, dispensa apresentações. Como um dos primeiros grupos a lançar mão da riqueza rítmica e melódica da cultura regional, fez história e influenciou a formação de dezenas de outras bandas. A importância de sua arte para a cultura do Nordeste é inegável, resgatando e unindo ritmos populares, como o baião, o frevo e o maracatu.

Em 1997, o grupo deu-nos mais uma prova de sua incrível versatilidade, capacidade de renovação, adaptação e ousadia, ao criar a Fundação Quinteto Violado (FQV), a coroação de uma trajetória coerente, comprometida até a última nota musical com a cultura popular brasileira.

Tendo seu foco na valorização do homem por meio da arte, a FQV desenvolve, como vocês poderão ver nas páginas desse livro, projetos de qualificação em artesanato e música.

A aposta que a FQV faz no ser humano, por meio de seus projetos, tem provocado a reconstituição de identidades culturais quase esquecidas e uma notável elevação da auto-estima dos homens e mulheres que têm participa-

do de suas oficinas, a exemplo das chamadas “Frentes Culturais”, uma alusão às “Frentes Produtivas” dos Programas de Combate aos Efeitos da Seca.

Trabalhando com capacitação em artesanato de couro, regência de coral composto por vaqueiros aboia-dores, prática de Acordeom, Zabumba e Triângulo, para a formação de “Trios Nordestinos”, e oficinas de formação de Guias Turísticos Mirins, a FQV obteve resultados entusiasmadores no projeto piloto no município de Serrita, encravado no sertão pernambucano, a cerca de 600 quilômetros de Recife.

Essas atividades revelaram-se com efetivo potencial de sustentação economicamente viável. Some-se a isso o despertar de valores culturais, como a preocupação com a valorização do homem, o apreço aos “saberes” e “fazeres” locais e a reafirmação da identidade cultural da região. Enfim, a Frente Cultural revelou-se uma importante ação sociocultural e econômica, promovendo a auto-estima das comunidades e o resgate do potencial criativo identificado com sua história.

É de ações como essas que precisamos para construir juntos o desenvolvimento sustentável de que o Brasil tanto precisa, tendo a cultura como um dos mais importantes elementos de integração dos territórios rurais.

Humberto Oliveira

*Secretário de Desenvolvimento Territorial
do Ministério do Desenvolvimento Agrário*

A Fundação Quinteto Violado

O Quinteto Violado, em 1997, após 25 anos de produção artística mantendo uma proposta cultural delineada pelos seus fundadores, militantes do cenário cultural pernambucano na década de 70, instituiu uma fundação, que recebeu o nome do grupo e acolhe o acervo da sua obra.

A Fundação Quinteto Violado (FQV), na qualidade de organização não-governamental sem fins lucrativos, tem o compromisso de expandir em ações mais eficientes a proposta cultural do grupo. Seus integrantes compõem o Conselho Curador da instituição, buscando contribuir como cidadãos para o desenvolvimento social.

A missão da FQV traduz-se na “valorização do homem por intermédio da arte, respeitando a justa condição de vida dos seus atores”. Para concretizar seus objetivos, a Fundação desenvolve projetos que focam a promoção da cultura local, promovendo ações de qualificação, aperfeiçoamento e atualização de profissionais, com base nas necessidades do mundo do trabalho. Tendo em conta o cenário natural em que tais ações se realizam, a Fundação Quinteto Violado está representada no Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Caatinga, por meio do seu presidente,

responsável pelo setor cultural nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Dentre as ações desenvolvidas pela FQV, merecem destaque as intervenções realizadas por meio de implantação e implementação de projetos que contribuem para a melhoria das condições de vida da população.

Um bom exemplo dessa prática está no *Projeto Frentes Culturais*, uma experiência no município de Serrita (PE), sertão de Pernambuco, que teve como objetivo melhorar o convívio da população com as estiagens cíclicas do semi-árido nordestino, por meio da mobilização dos envolvidos no Programa Nacional de Combate à Seca. Por solicitação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em 1998, a FQV idealizou uma forma de selecionar, entre o contingente das famílias atingidas pela seca, as pessoas interessadas em participar de um programa de capacitação cultural, em atividades artísticas (artesanato e música) direcionadas para geração de renda.

Uma exposição detalhada das atividades promovidas pela Frente Cultural de Serrita pode ser encontrada em um capítulo adiante.

Como desdobramento da *Frente Cultural de Serrita*, no final de 1998, foi estabelecido convênio entre a FQV e o Programa Comunidade Solidária para a incorporação do projeto ao *Programa Artesanato Solidário*. Como consequência, foi constituída a Cooperativa Serritense de Arte e Cultura (Musiarte), contando com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (Assocene) e Universidade Federal de Pernambuco (Fadef/UFPE), com uma

suplementação orçamentária da Sudene. Suas atividades compreenderam oficinas e capacitações em artesanato de couro, em música (trabalhando-se a estrutura musical do Trio Nordestino: *Sanfona, Zabumba e Triângulo*) e formação de um Coral de Vaqueiros Aboiadores (aboio significa canto de trabalho dos vaqueiros) que se denominou Coral Aboios.

Ainda implementando e dando seqüência às atividades em Serrita, em 1999, sob a supervisão e coordenação da FQV, a Musiarte passou a fazer parte do *Programa Artesanato e Geração de Renda*, uma iniciativa do Comunidade Solidária, que visava proporcionar capacitações e aperfeiçoamento de técnicas da produção artesanal, assim como alternativas direcionadas para geração de renda complementar para a agricultura familiar em períodos de estiagens. Essa inclusão viabilizou, ainda, a produção fonográfica do primeiro CD do Coral Aboios.

Em continuidade aos trabalhos de apoio à Musiarte, a FQV, ao final do ano de 2000, consegue firmar novo convênio, desta vez com a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), por meio do *Projeto Arte & Renda – Cultura e Excelência dos Serviços*, no contexto de uma alternativa para a geração de renda, abrangendo áreas do turismo cultural. A Cooperativa pôde promover uma melhor capacitação técnica dos artesãos e músicos na região, resgatando e estimulando as expressões da cultura material e simbólica. Na oportunidade, o Coral Aboios ganhava autonomia em sua carreira artística profissional, apresentando-se com sucesso em várias regiões do país, conseguindo realizar a gravação do seu segundo CD.

Mudando o foco para o estado de Sergipe, merece citação o projeto *Pantanal do Nordeste*, realizado no ano de

1999, e dedicado às manifestações populares do município de Pacatuba. Por iniciativa da Prefeitura Municipal de Pacatuba, a FQV foi convidada a realizar uma pesquisa da história oral e memória daquela região, utilizando-se dos mais antigos depoimentos disponíveis nas várias comunidades do município. Foram levantados os cantos de trabalho das estaladeiras de fumo, dos plantadores de arroz, coreografias das danças típicas, gêneros de cantorias etc. A partir daí, foi produzido um registro fonográfico na forma de um CD, que proporcionou uma mobilização na comunidade visando reconstituir parte da identidade já em processo de esquecimento, proporcionando assim uma sensível elevação da sua auto-estima.

2. O potencial socioeconômico do semi-árido

1. O semi-árido

O estado de Pernambuco apresenta regiões bem distintas, caracterizadas originalmente por Vasconcelos Sobrinho (1949) como Mata, Agreste e Sertão.

A Zona da Mata permanece caracterizada pela monocultura da cana-de-açúcar, desde o início da colonização portuguesa.

O Agreste, reconhecido e expandido à época da invasão holandesa, principalmente após o fim da Guerra dos Palmares, transforma-se com a pecuária expulsa da Mata e a criação de roças para subsistência e suprimento das capitais, Olinda e Recife.

E o Sertão, por sua vez, inspirado pelo domínio do semi-árido, da caatinga, fica permanentemente marcado pelo desenvolvimento da civilização do couro.

Mais recentemente são caracterizadas cinco mesorregiões (IBGE 1998): a Metropolitana do Recife, a Mata Pernambucana, o Agreste Pernambucano, o Sertão Pernambucano e o São Francisco Pernambucano, esta última

marcada a partir da década de 60 pela implantação da agricultura irrigada.

O semi-árido pernambucano tem sua ocupação determinada pela expansão da pecuária capitaneada pela chamada Casa da Torre, ou mais propriamente pelos então conhecidos como “homens do São Francisco” (Sampaio, 1983; Lins, 1976; Magalhães, 1978). A civilização do couro, na denominação de Capistrano de Abreu, marca a formação social e o caráter do sertanejo, uma mistura de sangue, português e índio, este representado por caboclos do século XVI e XVII e filhas de portugueses e brasileiras em continuação (Sampaio, 1997; Mello, 1985; Abreu, 1960). As roças primitivas, de milho, feijão e alguma mandioca, propiciavam a subsistência básica dos curraleiros e seus agregados.

No século XVIII, surge o algodão como segunda atividade econômica, ao lado da pecuária, tanto no Agreste quanto no Sertão. De fato, o auge do algodão ocorre no século XIX e seu ocaso na segunda metade do século XX. Ao longo desse século e meio, o algodão gera o aparecimento de primitivas boladeiras (e, após, de descarçadeiras a vapor), e das usinas de algodão e prensas do respectivo óleo, determinantes do primitivo processo de industrialização, do qual Delmiro Gouveia é pioneiro, com sua indústria têxtil, ao lado dos Lundgren.

Restam, ainda, com importância mais localizada, os engenhos de rapadura nos brejos de altitude e vales mais úmidos, a cultura do café, praticada em poucas áreas de maior altitude e a produção irrigada no médio São Francisco, a qual só no século XX, com a produção de cebola e alho, adquire algum destaque. Há algum extrativismo loca-

lizado, tendo tido importância a maniçoba e a oiticica, e de forma continuada, a exploração de madeira e lenha. Em pontos ainda mais localizados surgem pequenas indústrias de doces, embora predominantemente no Agreste, nos municípios de Pesqueira e Belo Jardim, mas também em Arcoverde.

De modo geral, a maioria dos estudiosos do século XX caracteriza a economia do semi-árido como centrada na pecuária e no consórcio algodão, milho e feijão (Andrade, 1980; Lacerda, 1978; Sampaio e Pessoa, 1987).

A pecuária é a atividade principal, em alguns momentos seguida pelo algodão, sendo a indústria quase inexistente e sempre ligada ao processamento da produção local (fibras e óleo do algodão, por exemplo). Já os serviços são subsidiários, com destaque para o comércio local, para atender as demandas das populações das cidades, vilas rurais e áreas rurais.

2. O semi-árido e seu potencial de crescimento

Da análise do potencial de crescimento do semi-árido, surge clara a falta de perspectiva da agricultura de sequeiro, em grande parte da área atualmente ocupada e da pecuária do semi-árido, no modelo atual. Os baixos valores obtidos por hectare cultivado e pela produção animal não deixam dúvidas quanto à falta de competitividade, a menos que seja praticada em áreas de dimensões maiores que a maior parte dos estabelecimentos que hoje existem. A

agricultura tradicional de milho e feijão e a pecuária extensiva de muito estão condenadas a ocuparem algumas poucas manchas de maior produtividade, os vales férteis, nos quais, inclusive, vem sendo praticada a pequena irrigação e, em muitos casos, apenas enquanto as opções de ocupação dessa mão-de-obra, em outros setores ou fora da região, forem limitadas. Pode ser exceção a pecuária, incluída a caprino-ovinocultura, com manejo melhorado e comercialização de queijos e cortes mais nobres dos caprinos e ovinos.

A consequência inevitável tem sido a diminuição da população rural e o baixo crescimento da população das áreas semi-áridas como um todo. Ressalta-se que essas tendências de retratação populacional e baixo crescimento não têm sido mais dramáticas em razão das crescentes transferências do governo, por meio de pensões, aposentadorias e do fundo de participação dos municípios, que propiciam a retenção de parcela da população, principalmente a mais velha e a mais jovem. No entanto, em termos de produtividade, essa retenção é inócua se não prejudicial. Em uma fantástica antecipação, Celso Furtado, no Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste – GTDN (1977), já chamava a atenção para excedentes populacionais do semi-árido e para nocividade de políticas paliativas que retardassem as transformações estruturais necessárias.

A indústria de transformação de matérias-primas da agropecuária regrediu no semi-árido, como consequência da retração dessas culturas, com destaque para o algodão e outras fibras. Mantém relativa importância a produção de queijos, farinha de mandioca e rapadura. Embora não possa ser descartada a implantação de uma indústria de

enclave, essa possibilidade já em si remota aparece inviável na ausência de uma política de desenvolvimento nítida para o semi-árido. No contexto da globalização e da privatização, o Estado brasileiro quase abdicou completamente de ter uma política de desenvolvimento regional, deixando a economia mais livre para ajustar-se de acordo com as forças de mercado, no caso inteiramente desfavoráveis ao homem e à economia do semi-árido.

O mesmo pode ser dito quanto aos serviços que, de modo geral, decorrem da elevação da renda e da diversificação dos padrões de consumo. Em razão do baixo nível da renda do semi-árido e dos baixos índices de desenvolvimento humano, a migração é a grande saída, caminho que vem sendo trilhado pela população com maior qualificação há décadas.

O quadro muda drasticamente quando se deixa o semi-árido e sua atividade de sequeiro e se adentra a paisagem colorida da agricultura irrigada. Os valores obtidos por hectare cultivado com culturas permanentes são os mais elevados do estado. Culturas como a uva, a manga e a banana estão firmemente estabelecidas, com produção voltada parcialmente para exportação. Embora os impactos da irrigação sobre o emprego sejam elevados, não conseguem isoladamente, reverter completamente o quadro depressivo das áreas secas. Mas a população total das regiões onde a irrigação é mais influente tem se elevado e os indicadores de qualidade de vida situam-se em segundo lugar no estado, atrás apenas da Região Metropolitana do Recife.

Algumas cidades do Sertão do São Francisco, com destaque para Petrolina, vêm se constituindo em pólos de

serviços para a área, mercê da elevação de renda e da expansão do emprego. A industrialização regrediu, também nessas áreas, mostrando que os caminhos do desenvolvimento são múltiplos. Se, em algum momento no passado, a produção de tomate industrial e de outras lavouras temporárias parecia ensejar a construção de um parque industrial para processamento dessa matéria prima local, a realidade veio favorecer a fruticultura, apenas parcialmente processada. Hoje o parque industrial é de menor porte, porém bem sintonizado para o processamento de polpas das frutas não exclusivamente comercializadas *in natura*.

Outra atividade com potencial é o turismo, voltado para prática de esportes aquáticos em todo ano, nos lagos da região, possivelmente combinado com o turismo ecológico em reservas de brejos de altitude e em santuários no semi-árido. É possível transformar esse potencial em realidade? É arriscada uma previsão, muito pela necessidade de: (a) diminuir a criminalidade e conferir segurança para o deslocamento na área; (b) melhorar a qualidade das estradas; e (c) criar e preservar reservas e santuários ecológicos.

No vazio demográfico em que se vem constituindo a porção mais árida do sertão, podem ser criadas reservas ecológicas. No momento, está em processo de instalação e manejo a Unidade de Conservação do Vale do Catimbau, já legalizado como Parque Nacional de Preservação Ambiental.

3. Convivendo com as estiagens

Avaliar as potencialidades, as disponibilidades e o valor econômico dos recursos hídricos de uma região semi-

árida requer antes de tudo ter a consciência da necessidade de uma gestão integrada desses recursos naturais. Essa gestão assume vários aspectos e envolve conotações diversas: é integrada porque compreende as fases do ciclo hidrológico – superficial, subterrânea e aérea; integrada quanto aos usos e finalidade múltiplos; integrada pelo inter-relacionamento dos sistemas hídricos com os demais recursos naturais; integrada em termos de co-participação dos gestores e usuários no planejamento e na administração dos recursos hídricos.

A partir de encontros e conferências internacionais, alguns princípios e critérios da gestão dos recursos hídricos são considerados fundamentais: I) a água é um recurso natural limitado, essencial à vida e ao desenvolvimento sustentado; II) os usos múltiplos da água devem ser considerados no processo de planejamento; III) a bacia hidrográfica é a unidade básica de gestão hídrica; IV) a água é bem de valor econômico passível de cobrança pelo seu uso. A Lei 9.433/97, que estabeleceu a Política e o Sistema Nacional de Recursos Hídricos no Brasil, introduziu alguns princípios e critérios básicos:

- ▶ o acesso aos recursos hídricos é um direito de todos;
- ▶ a distribuição da disponibilidade de água deve ser feita segundo critérios econômicos, sociais e ambientais;
- ▶ o estímulo ao uso múltiplo e planejado da água;
- ▶ a adoção da bacia hidrográfica como base das ações regionais;

- ▶ a cobrança pela utilização dos recursos hídricos;
- ▶ a descentralização administrativa e a participação das comunidades envolvidas nos processos decisórios.

A região semi-árida do Nordeste é problemática devido à relativa escassez de recursos naturais e, em especial, pela variabilidade das precipitações pluviárias e, conseqüentemente, uma irregular distribuição espacial e temporal de seus recursos hídricos.

Nessas condições, apresentam-se as principais características em relação ao recurso água:

- ▶ rios intermitentes;
- ▶ secas periódicas e cheias freqüentes;
- ▶ uso predominante da água para abastecimento humano e agropecuário;
- ▶ águas subterrâneas limitadas, pela predominância das formações cristalinas;
- ▶ rendimento baixo das bacias em relação ao Brasil;
- ▶ eficiência hidrológica dos reservatórios extremamente baixa, em função das altas taxas de evaporação; a disponibilidade efetiva anual, oriunda de reservatórios, é de cerca de 1/5 de sua capacidade de acumulação;
- ▶ necessidade de uso conjunto das águas superficiais e subterrâneas nos aluviões que se estendem ao longo dos rios que têm reservatórios de montante.

3. A reserva da biosfera da Caatinga

1. A rede mundial de reservas da biosfera

O que é uma reserva da biosfera?

Ecossistemas. As reservas da biosfera são áreas de ecossistemas terrestres ou costeiros – internacionalmente reconhecidas pelo programa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) “O Homem e a Biosfera” (MAB) – capazes de promover e demonstrar relações equilibradas entre homem e natureza. Para a sua designação, cada país propõe zonas de seu território que satisfaçam determinado conjunto de critérios. As reservas da biosfera combinam as três seguintes funções:

- ▶ conservação – contribuindo para a conservação de paisagens, ecossistemas, espécies e variabilidade genética;
- ▶ desenvolvimento – promovendo um desenvolvimento econômico que seja ecológica e culturalmente sustentável;
- ▶ apoio logístico – apoiando a investigação, monitoração, formação e educação relacionadas com as problemáticas da conservação e do desenvolvimento sustentável nos níveis local, regional, nacional e mundial.

As reservas da biosfera formam uma rede mundial na qual se fomenta a troca de informação, de experiências e de pessoal, em particular em reservas com ecossistemas semelhantes e/ou com experiência na resolução de problemas similares de conservação e de desenvolvimento.

A *Rede Mundial de Reservas da Biosfera* contribui, assim, para satisfazer os objetivos Agenda 21 e da Convenção sobre Diversidade Biológica, emanadas pela Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, de 1992.

Em 1996, existiam 329 reservas da biosfera em 83 países, cobrindo uma área total superior a 218 milhões de hectares.

As reservas da biosfera permanecem sob a jurisdição dos países onde estão localizadas. Alguns produziram legislação específica; contudo, em muitos casos, aproveita-se a existência de áreas já protegidas por legislação nacional.

Embora a sua configuração dependa de situações locais, as reservas da biosfera incluem uma área nuclear, uma zona tampão e uma área de transição.

Naturalmente, a criação de uma reserva da biosfera coloca um enorme desafio, sobretudo o de montar um mecanismo apropriado – como, por exemplo, um conselho – para conciliar interesses contraditórios e planejar e coordenar todas as atividades envolvidas. Essa dimensão humana das reservas da biosfera as tornam especiais, uma vez que sua gestão provoca essencialmente um pacto entre a comunidade local e a sociedade no seu todo.

A gestão precisa ser aberta, dinâmica e flexível. Uma tal abordagem requer paciência e imaginação, mas permitirá à comunidade local responder com mais eficiência às

pressões políticas, econômicas e sociais que podem afetar os valores ecológicos e culturais da área.

Qual a importância da reserva da biosfera?

Para conservar a diversidade biológica. A pressão humana sobre o solo e a água reduz drasticamente a diversidade de espécies vegetais e animais, de ecossistemas e de paisagens do planeta. Isto ameaça o bem-estar humano, uma vez que esta biodiversidade é uma fonte potencial de alimentos, fibras, remédios, e matérias-primas para a indústria e construção. A biodiversidade constitui uma riqueza insubstituível para a investigação, educação e recreação para toda a humanidade. A área nuclear e a zona tampão das reservas da biosfera servem como repositórios para salvar guardar amostras da biodiversidade das principais regiões biogeográficas do mundo e como locais de referência e estudo para melhorar o nosso conhecimento a respeito.

Para manter ecossistemas saudáveis. As reservas da biosfera, que podem representar grandes áreas terrestres e aquáticas, contribuem significativamente para manter os sistemas de suporte da vida que servem para evitar a erosão do solo e manter a sua fertilidade, regular o caudal dos rios, recarregar aquíferos, reciclar nutrientes e absorver poluentes do ar e da água.

Para compreender os sistemas naturais e suas alterações. Nas áreas nucleares das reservas da biosfera pode realizar-se investigação sobre estrutura e dinâmica dos sistemas naturais pouco perturbados e esta ser comparada

com o funcionamento de paisagens humanizadas nas áreas tampão e transição. Tais estudos, quando realizados por longos períodos, mostram como estes sistemas podem sofrer alterações com o tempo. A instalação de parcelas de observação em longo prazo e a harmonização de métodos e de medições permitem comparações dos resultados em níveis regional e mundial. A informação assim obtida permite compreender melhor as alterações globais do ambiente.

Para estudar formas tradicionais de utilização da terra. Em diversas partes do mundo e ao longo do tempo, as populações conceberam maneiras engenhosas de utilização do solo que não esgotam recursos naturais e que podem proporcionar importantes ensinamentos para os sistemas modernos de produção. As reservas da biosfera são áreas onde tais populações podem manter a suas tradições, bem como melhorar o seu bem-estar econômico por meio da utilização de tecnologia cultural e ambientalmente apropriada. Além disso, os sistemas tradicionais são muito úteis para conservação de antigas raças de animais de criação e de antigos ecotipos tradicionais de plantas agrícolas, que constituem um inestimável *pool* de genes para a agricultura moderna.

Para partilhar conhecimentos sobre formas de gestão sustentável dos recursos naturais. A pesquisa de práticas de utilização da terra que melhorem o bem-estar humano, sem degradar o ambiente, é um dos principais objetivos da reserva da biosfera. Os conhecimentos adquiridos são

transmitidos, no âmbito do campo, por meio de ações de formação e demonstração. Podem ser então aplicados nas áreas de transição e circundantes. Responsáveis governamentais, cientistas nacionais e estrangeiros, visitantes e dirigentes comunitários locais, todos se beneficiam dessa experiência. As reservas da biosfera servem, assim, para partilhar conhecimentos e técnicas em níveis locais, nacionais e internacionais.

Para cooperar na resolução de problemas relativos aos recursos naturais. Um importante obstáculo à conciliação do ambiente com o desenvolvimento é a estrutura setorial das nossas instituições. As reservas da biosfera são locais onde os conflitos de interesses podem ser debatidos por todos interessados: dirigentes locais, proprietários, associações de conservação da natureza, responsáveis governamentais, cientistas, agricultores locais, pescadores, empresas privadas etc. – todos devem trabalhar conjuntamente para encontrar os mecanismos de coordenação apropriados para planificação e gestão. As reservas da biosfera fornecem, portanto, oportunidades para se encontrarem soluções que podem ser aplicadas a outros problemas de desenvolvimento relacionados com a terra e a água.

Quais os benefícios das reservas da biosfera?

Às comunidades locais. Estas variam de comunidades indígenas locais a sociedades rurais, incluindo proprietários de casas de campo. Podem usufruir vários tipos de benefícios como, por exemplo, proteção dos recursos básicos solo e água, uma base econômica mais estável e diversi-

ficada, valorização dos produtos locais, mais empregos, maior influência nos processos de decisão sobre o uso da terra, menos conflitos com as administrações das áreas protegidas e com os grupos de interesses, possibilidades de manter as tradições e estilos de vida existentes, e um ambiente mais saudável.

Aos agricultores, silvicultores e pescadores. As reservas da biosfera oferecem possibilidades de formação e demonstração sobre sistemas alternativos de uso da terra e estratégias de gestão que preservam os valores naturais, como a fertilidade do solo e a qualidade da água, e que fazem a melhor utilização possível dos recursos humanos e financeiros existentes.

Aos cientistas. As reservas da biosfera encorajam investigações, como, por exemplo, a respeito dos processos ecológicos ou a diversidade biológica. São áreas que oferecem uma crescente base de dados com a qual se pode construir novas hipóteses e experiências. Além disso, as reservas da biosfera oferecem segurança em longo prazo para parcelas permanentes e atividades de monitoração que permitem identificar, para além de flutuações em curto prazo, tendências a prazo mais longo como as que podem ser causadas por alterações no clima ou nos regimes hidrológicos. As reservas da biosfera também possibilitam investigação interdisciplinar, estudos comparativos e permuta de informações. Podem, assim, encorajar a atribuição de fundos para investigações, nacionais ou internacionais.

Aos decisores e as instituições governamentais. As reservas da biosfera fornecem melhor informação sobre os recursos naturais e capacidades técnicas e institucionais acrescidas para gerir os recursos naturais de uma forma sustentável. Contribuem para assegurar maior apoio público à conservação da natureza, demonstrando benefícios práticos envolvidos. Servem como exemplos práticos para explorar formas de gestão sustentável dos recursos naturais em níveis local e regional, e os mecanismos institucionais e legais que são requeridos para esse fim. Deste modo, as reservas da biosfera servem como instrumentos que possibilitam aos países satisfazer as suas obrigações no quadro dos eventos internacionais, tais como a sobre A Convenção sobre Diversidade Biológica e Desertificação e a Agenda 21.

À comunidade internacional. Por meio das suas atividades de educação e comunicação, as reservas da biosfera demonstram à opinião pública e à comunidade internacional formas práticas de resolução de conflitos para usos da terra, assegurando a proteção da diversidade biológica. Oferecem oportunidades locais, nacionais e internacionais para educação, recreação e turismo, e ajudam a criar uma consciência de solidariedade numa escala mundial, para gerir a biosfera de forma sustentável.

2. A questão da Caatinga

A *Reserva da Biosfera da Caatinga* tem como principal objetivo garantir a proteção dos corredores ecológicos e

apoiar os esforços para recuperação ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

Procura também reforçar o combate à desertificação das regiões de domínio do semi-árido e estabelecer parâmetros ambientais para os projetos de irrigação nos domínios da Caatinga. É igualmente importante que se trabalhe para sustentabilidade das atividades econômicas tradicionalmente praticadas na região, para melhor desempenho da apicultura, bem como: bovino, caprino e ovinoculturas.

O que se pretende é proteger em seus corredores a biodiversidade e reverter a expectativa regional de convivência eterna com índices de desenvolvimento humano baixos e desesperançados. Repetindo modelo de implantação da porção nordestina da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, é preciso viabilizar parcerias com organizações não-governamentais ambientalistas, para apoiar os trabalhos de implantação nos estados que compõem a Reserva da Biosfera da Caatinga.

3. O bioma Caatinga na cultura popular

Três fatores concorreram para que elementos da Caatinga tivessem uma presença marcante na cultura popular e, de modo especial, na música popular nordestina, quais sejam:

1) o fato de o Nordeste ser rural, situação que predominou até os anos 70;

2) as secas periódicas que ocorrem na região, castigando a população da zona semi-árida, justamente a área do Nordeste coberta pela Caatinga, e cujo sofrimento sensibiliza muito a sociedade e, em especial, os compositores.

Uma crítica à “indústria da seca” já está presente desde 1953, na música *Vozes da Seca*, de Zé Dantas;

3) o fato de o Rio de Janeiro ser a capital cultural e administrativa do país até abril de 1960, havendo nessa cidade um relacionamento muito estreito entre os artistas e os políticos. Entre estes últimos, havia os que apreciavam ver o Nordeste retratado na música, e solicitavam aos compositores músicas abordando a realidade da região. Um exemplo: Joubert de Carvalho, compositor de *Maringá*, nunca esteve na Paraíba (Abril Cultural, 1978), mas compôs a música a pedido de Ruy Carneiro, político paraibano, nascido em Pombal. Havia ainda casos de compositores que eram também políticos como Humberto Teixeira, deputado federal. .

A partir da década de 70 surge um fato novo que passa a inspirar os compositores: a preocupação com o meio ambiente, com a degradação ambiental. O homem deixa de ser o rei do universo, para ser apenas parte dele, ou deverá continuar sendo o rei do universo, mas um rei responsável.

Mais adiante serão mostrados trechos de músicas relacionadas com o bioma Caatinga ou com o semi-árido, e sua interpretação no contexto atual.

4. Algumas características da Caatinga

“... Creio, creio, no passo da boiada, que em meio à caminhada descansa em meu viver. Creio na esperança, nas minhas lembranças, vaqueiro e criança, o tempo a passar. Creio na paisagem de pobre pastagem, que ensina coragem e como esperar”.

(O Credo, de Janduhy Finizola)

O aproveitamento da Caatinga como pastagem nativa para pecuária foi o principal fator de ocupação de Semi-árido, e ainda hoje é o principal suporte de pastagem da pecuária. As pastagens nativas cobrem cerca de 47% da superfície da terra (Williams et al., citado por Heady, 1975) e uma de suas características em relação às pastagens cultivadas é a baixa produtividade.

A Caatinga não foge à regra, é uma pastagem pobre, como diz a música, que difere das outras pastagens nativas do mundo em três aspectos: apresenta alta densidade de arbustos e árvores, que dificulta muitas operações de manejo animal; as folhas do estrato arbustivo-arbóreo caem cedo, e a Caatinga tem estrato herbáceo muito pobre.

“Você ainda não conhece a terra boa; você precisa conhecer Moxotó; pra ver um cabra entrar no mato encourado, derrubar touro amontado, pegar cobra e dar um nó”.
(Moxotó, de Rosil Cavalcanti).

A Caatinga é a pastagem nativa mais densa do mundo, ou seja, a pastagem com maior densidade de árvores e arbustos. Nos anais de um simpósio realizado na África (Le Houérou, 1980), o qual tratou exclusivamente do estrato lenhoso como fonte de forragem, não houve qualquer trabalho que mostrasse uma densidade maior do que a encontrada na Caatinga.

Essa densidade implica na necessidade do vaqueiro entrar no mato com roupa de couro. Tudo é difícil na Caatinga. Encontrar uma vaca parida, procurar uma rês doente, trazer os animais para o curral para vacinações ou venda, tudo

isso são operações trabalhosas. Nas pastagens nativas herbáceas da Austrália, os animais podem ser arrebanhados para o curral em motos, ou por cães treinados. O estrato lenhoso causa estas desvantagens no manejo animal, mas, por outro lado, dificulta a degradação. Além disso, do estrato lenhoso é possível extrair outros produtos além de forragem, tais como madeira, mel, refúgio da fauna etc.

*“Glória a Deus nas alturas, vaquejando por campos,
sem campo para ter ilusão. Lá na Caatinga vinga a minha
profissão. Derrubo o gado e me derruba a precisão.
Glória a Deus nas alturas, entre pedras e espinhos,
os caminhos do gado, o meu pão”.*
(**Glória**, de Janduhy Finizola)

*“Coroa de frade e facheiro, a Caatinga produz: juazeiros,
caroás, xiquexique, mulungus, palmatórias, macambiras,
cactos e mandacarus”.*
(Cantoria de viola gravada em fita por Ivanildo Vilanova/
Geraldo Amâncio)

*“Xô, xô xô xô, casaca de couro, brincando as duas vadeia
(bis); Em riba dum pé de turco, tem um ninho de graveto,
tem garrancho de jurema, tem pau fraco, tem pau preto,
tem lenha que dá pra facho, tem vara que dá espeto”.*
(**Casaca de couro**, de Ruy de Moraes e Silva)

A queda das folhas

*“Adeus, Maria Fulô, marmeleiro amarelou, adeus, Maria
Fulô, olho d’água esturricou. Adeus, vou embora meu bem,*

chorar não ajuda ninguém, enxuga o teu pranto de dor, que a seca mal começou”.

(Maria Fulô, de Humberto Teixeira/Sivuca)

“No Nordeste imenso, quando o sol calcina a terra, não se vê uma folha verde na baixa ou na serra; Juriti não suspira, inhambu seu canto encerra, não se vê uma folha verde na baixa ou na serra...”.

(Aquarela nordestina, de Rosil Cavalcanti)

“Ai que saudade do luar da minha terra, lá na serra branquejando folhas secas pelo chão...”.

(Luar do Sertão, de Catulo da Paixão Cearense)

Uma desvantagem da Caatinga como pastagem nativa é que o estrato lenhoso, além de dificultar o manejo dos animais, perde as folhas muito cedo.

Parando de chover, algumas semanas depois, várias espécies começam a perder as folhas, e o marmeleiro, planta endêmica da Caatinga (Prado, 1991), é uma delas, cujas folhas, antes de caírem, se tornam amarelas. No fim do período seco, com algumas exceções, todas as espécies estão completamente desfolhadas.

Claro que isto é um mecanismo de economia d'água. É verdade que os animais aproveitam a folha seca como forragem, mas esse aproveitamento não é completo. Muitas opções têm sido recomendadas para aumentar a produtividade da Caatinga, e consiste no corte do estrato lenhoso, para colocar toda a fitomassa disponível como forragem ao alcance dos animais e, também, para prolongar o período verde.

Conviver com as secas

O semi-árido brasileiro caracteriza-se no aspecto socio-econômico por milhões de famílias que cultivam a terra, delas ou de terceiros. Para elas, mais da metade do ano é seco e a água tem um valor especial. Além disso, as secas são fenômenos naturais periódicos que não podemos combater, mas com os quais podemos conviver.

Vale lembrar, também, que o Brasil assinou a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, comprometendo-se a “atacar as causas profundas da desertificação”, bem como “integrar as estratégias de erradicação da pobreza nos esforços de combate à desertificação e de mitigação dos efeitos da seca”.

Partindo dessas reflexões, o Programa de Convivência com o Semi-Árido inclui:

- ▶ **O fortalecimento da agricultura familiar**, com o eixo central da estratégia de convivência com o semi-árido, em módulos fundiários compatíveis com as condições ambientais.
- ▶ **A garantia da segurança alimentar** da região, como um objetivo a ser alcançado em curtíssimo prazo.
- ▶ **O uso de tecnologia e metodologias adaptadas** ao semi-árido e a sua população, como ferramenta básica para a convivência com as condições da região.
- ▶ **A universalização do abastecimento em água para beber e cozinhar**, como um caso exemplar, que demonstra como tecnologias simples e baratas como a cisterna de placas de

cimento podem se tornar o elemento central de políticas públicas de convivência com as secas.

► **A articulação entre produção, extensão, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico** adaptado às realidades locais, como uma necessidade.

► **O acesso ao crédito e aos canais de comercialização**, como meios indispensáveis para ultrapassar o estágio da mera subsistência.

Orientar os investimentos no sentido da sustentabilidade

O semi-árido brasileiro não é uma região apenas rural. É também formado por um grande número de pequenos e médios centros urbanos, a maioria em péssima situação financeira e com infra-estrutura deficiente. Pior ainda, as políticas macroeconômicas e os investimentos públicos e privados têm tido, muitas vezes, efeitos perversos. Terminaram por gerar novas pressões, que contribuíram aos processos de desertificação e reforçaram as desigualdades econômicas e sociais. Por isso, o Programa de Convivência com o Semi-Árido compreende, entre outras medidas:

► **A descentralização das políticas e dos investimentos**, de modo a permitir a interiorização do desenvolvimento, em prol dos municípios do semi-árido.

► **A priorização de investimentos em infra-estrutura social** (saúde, educação, saneamento, habitação, lazer), particularmente nos municípios de pequeno porte.

- ▶ **Maiores investimentos em infra-estrutura econômica** (transporte, comunicação e energia), de modo a permitir o acesso da região aos mercados.
- ▶ **Estímulos à instalação de unidades de beneficiamento da produção e empreendimentos agrícolas.**
- ▶ **A regulação dos investimentos públicos e privados**, com base no princípio da harmonização entre eficiência econômica e sustentabilidade ambiental e social.

Fortalecer a sociedade civil

Esquemas de dominação política quase hereditários, bem como a falta de formação e informação representam fortes entraves ao processo de desenvolvimento do semi-árido.

Sabendo que a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação insiste bastante sobre a obrigatoriedade da participação da sociedade civil em todas as etapas da implementação dessa convenção, a articulação deve propor, para vigência desse direito:

- ▶ **O reforço do processo de organização dos atores sociais**, visando a sua intervenção qualificada nas políticas públicas.
- ▶ **Importantes mudanças educacionais**, prioritariamente no meio rural, a fim de ampliar o capital humano; e, em particular: I) A erradicação do analfabetismo no prazo de 10 anos; II) A garantia de ensino básico para jovens e adultos,

com currículos elaborados a partir da realidade local. III) A articulação entre ensino básico, formação profissional e assistência técnica.

► **A valorização dos conhecimentos tradicionais.** A criação de um programa de geração e difusão de informações e conhecimentos, que facilite a compreensão sobre o semi-árido e atravesse toda a sociedade brasileira.

4. A Missa do Vaqueiro

Todos os anos, no Sítio das Lajes, a 535 quilômetros do Recife, em Serrita, realiza-se a Missa do Vaqueiro. O evento é promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco e tem como cenário o Parque Estadual do Vaqueiro, um espaço à feição de um anfiteatro em forma de ferradura, onde se postam os vaqueiros, vestindo o gibão e montados em seus cavalos, num semicírculo. De um altar de pedra, o celebrante utiliza o linguajar sertanejo em toda a liturgia.

Criado em no ano de 1971, o evento tornou-se um encontro sociocultural com aspectos originais dos mais interessantes da cultura pernambucana, onde predominam o folclore, o artesanato do couro, os festejos e a fé do homem sertanejo. Durante quatro dias, o Parque se transforma em festa, com direito a apresentações musicais, vaquejada, feira de artesanato e toda sorte de barraquinhas. A cerimônia religiosa, que encerra o evento, no domingo, congrega atualmente, pelo menos 700 vaqueiros das regiões circunvizinhas.

A Missa do Vaqueiro foi idealizada e instituída pelo Padre João Cândia, como uma homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó, supostamente assassinado por um companheiro durante a labuta de campear o gado. Luiz Gonzaga, primo do falecido Jacó, foi logo convidado a participar da cerimônia. O Rei do Baião se apresentava tocando sua

sanfona e entoando canções em homenagem aos vaqueiros. Pouco tempo depois, o poeta e compositor Janduhy Finizola, compôs as "Rezas de Sol", criando uma trilha musical voltada para a liturgia do evento.

Apresentadas ao Quinteto Violado, as canções foram tratadas com arranjos do grupo e a obra lançada inicialmente na forma de LP (vinil), distribuída nacional e internacionalmente pelo selo Philips. Por todos esses anos, o Quinteto executa a trilha durante a Missa, e, por duas vezes, montou o espetáculo e registrou em disco a obra de Finizola.

A primeira versão foi lançada em 1976 e a segunda em 1991, quando o Quinteto Violado comemorou 20 anos de carreira. Naquele momento, o grupo convidou a cineasta Tisuka Yamasaki para dirigir a produção de *Vídeo, Documento, Ficção, Missa do Vaqueiro*, com a montagem de um novo espetáculo e a gravação de um CD com uma nova leitura da trilha musical da Missa. No ano 2000, a Fundação Quinteto Violado publicou em parceria com a Editora Escala, uma revista da série denominada "Populário do Nordeste". A Missa do Vaqueiro foi o primeiro número da série, trazendo encartado um CD com a trilha musical e colocada à venda em bancas de revistas de todo o Brasil.

Uma observação poética do sertão

Um trabalho, um documento, uma informação, uma emoção, um acontecimento, uma síntese, a Missa do Vaqueiro.

Uma palavra cheia de religiosidade nordestina e sertaneja, apurada na pobreza do homem e da terra, forte e

cantante, para encher a solidão das caatingas, de repente universalidade, alcançada e transformada em Missa. Uma estória sertaneja calcada e modelada como outras histórias do sertão, onde reponta a violência, a coragem e destemor. Natureza desafio, libelo, impiedosa, agressiva, rude, natureza que também cria, transmite, multiplica e gera a fortaleza, a honestidade, o invencível homem do sertão. A natureza e o homem do sertão, uma unidade universalizada na Missa.

A rima, o verso e o canto acontecem inspirados nas coisas de lá.

Na melodia triste do aboio, que transmite uma quase saudade, nada mais que uma cantiga de solidão estranhamente confortante, acolhedora e comovente. Melodia ritmada na batida forçada e compassada da rês esquelada, subitamente enriquecida na sonoridade primária do chocalho, como que penteando o aboio, informa a distância, a trilha, a manga, o cercado. Melodia e poesia também chegam da terra pobre, nua e abrasada que guarda nos tabuleiros, nas grotas, na areia seca, um segredo e um desejo de reter e de amar aqueles que nela fecundam a vida marcada pelos elementos da natureza seca.

Unidos, homem e terra se apresentam ao mundo como diferentes, fortes, imbatíveis, culturalmente definidos. O elemento mais representativo da cultura sertaneja e de toda a estrutura social do sertão é o vaqueiro. Como a música e poesia do sertão poderiam prescindir do vaqueiro? Como cantar, amar e versejar o sertão sem estudar no sentimento e na realidade do vaqueiro, seu trabalho, sua vida, seu sofrer, seu viver e seu morrer. Juntam-se os elementos numa quase apoteose. A natureza, o homem, seu trabalho,

seus cantares e seus amores, unidos numa cultura singular, única, que continua de geração a geração, o maior celeiro da poesia, costumes e folclore brasileiro.

Dentro da estrutura social sertaneja e na vivência do dia-a-dia, os fatos e as coisas se repetem, se renovam, e uma mais que outra se imortaliza, se eterniza, se mistifica, ganha o mundo, gera protesto, paixão, motiva toda uma sociedade, vai além do humano, chega a ser divino, muda o cotidiano; vira tema, lembrança, a maior história do sertão, a santidade, a lenda, a devoção.

A terra é sempre a mesma em qualquer parte do sertão. O homem é o mesmo, monta o cavalo, puxa e derruba a rês que derrubar. O aboio tem a mesma linha e inflexão, as mesmas notas de solidão, dor, tristeza, vazio, saudade, apelo, desesperança e conformação. A rês é sempre a mesma. Magra, ossada, fugidia, sempre parada para não perder energia, à sombra do pau pelado, quase não ruma, parceira do homem na sede, na fome, na magreza, nos caminhos, no silêncio e na precisão.

Com esta linguagem poética, descritiva do ambiente sertanejo, Jandhuy Finizola construiu as *Rezas de Sol* para a Missa do Vaqueiro, reproduzidas a seguir:

JESUS SERTANEJO

A terra é quente de fé. O sol, a luz de Deus. Os homens, os filhos da terra. O céu, a miragem azul. O horizonte a cinza da natureza. O vento seca a face do mundo. A presença do tempo é sertão. O canto é divino, humano telúrico. Jesus no céu, nas pedras, na caatinga, em tudo e em todos, onipresente, nordestino, vaqueiro, sertanejo.

*Jesus Sertanejo, a cantiga primeira que abre a cena da missa que o tempo criou: **A Missa do Vaqueiro.***

*Jesus do infinito chegando, encontrando participando, compreendendo, querendo, amenizando, transformando, presente no amor e na precisão, na fé e na razão. A benção, a redenção, a comunicação, na missa do vaqueiro. Jesus e Sertão, parceiros coincidentes, mostrados, vividos, a síntese, a criação, **A Missa do Vaqueiro.***

Jesus Sertanejo íntimo na prece sertaneja, derrubando a precisão, brotando do riacho seco, senhor das moradas pobres, andarilhos dos caminhos que procuram o verde, a água, a sombra. Jesus que tem sede no corpo, tem sede na alma, resplandecendo no chão de pedras, vivo na natureza, que agoniza no xiquexique, no mandacarú, na paisagem de ninguém, compensando tudo na certeza da sua presença maior, morando e amando o sertão.

Jesus Sertanejo carregado pelo vento para o fim do mundo, voltando na nuvem escura, na chuva, na trovoada, no cheiro da terra molhada, nos campos verdes, no viço da folhagem renascida, na enchente dos rios no fim da arribação, no despertar da passarada.

*Jesus mais do que nunca entre nós, na **Missa do Vaqueiro.***

Jesus, meu Jesus Sertanejo...

GLÓRIA

Glória, glória a Deus nas alturas, paz para a terra e gente sertaneja. Glorificando o Senhor, minha terra, suas pedras, seus caminhos, seus espinhos, meu trabalho, meu plantar e meu colher, minha desesperança, minha ilusão, minha sede

de verde, o campo sem gado e rês sem pasto. Glorifica Senhor também a vaqueirama, montando, galopando, derrubando perigo, castigo e penar: Glorifica o destino da terra, destinando ao vaqueiro o milagre de encontrar o pão nas quebradas esquecidas que a rês se escondeu, na afoiteza do galope desvairado que desafia a rudeza da caatinga. Glorifica seu chapéu de couro, seu gibão, a mesma roupa que Raimundo Jacó vestia quando para sempre ficou nas caatingas e com ele se apresentou a Deus. Glorificado Senhor nessa missa, estão o sertão e os vaqueiros. Dai-nos Senhor pois o vosso chão sertanejo, o nosso chão de casa, o nosso abrigo, a nossa raiz.

KIRIE ELEISON

Rogai pelo vaqueiro, Senhor, viajante e mensageiro de um mundo tostado e silente, figura profundamente humana na morada contra o mal, a mágoa e o dissabor. Senhor tem piedade desse homem, como homem a maior criação de Deus, como vaqueiro, um quase esquecido dos homens, um profeta do céu azul, das areias sem nascentes e dos riachos sem cabeceiras. Senhor tem piedade do vaqueiro sentado a sua mesa, em meio a pobreza, no meio da vida e no meio do mundo, tão forte e sem sorte, sem meios para mudar, sua imagem, sua face e seu perfil social.

O CREDO

Creio em Deus, Pai do sertão, generoso e caridoso, protetor deste mundo diferente, tão forte e respeitado. Creio na realidade sertaneja, sua cultura e seus valores sociais. Creio na chegada das noites e madrugadas frias, no orvalho

que purifica a luz da manhã, no sol que sobe ligeiro para o topo do céu e faz o dia quente, marcante, de luta, de suor, de calor e de coragem.

Creio nas léguas que separam a bebida do gado. Creio na esperança que aglutina a boiada estropiada que se muda e se consome no passo dolente, preguiçoso, uma cadência de morte e uma fome de vida.

Creio na tristeza do aboio tão companheiro e solidário na boca da noite ou na madrugada, na seca ou no inverno, uma saudação, um chamamento, um jeito sertanejo de falar com quem não sabe falar.

*Ceio na **Missa do Vaqueiro** que faz maior a crença na gente, na semente e no amor.*

Creio nesta terra que desfalece a vida, mas não sabe morrer.

OFERTÓRIO

Quero cantar como um violeiro, meu repente sertanejo, meu canto de oferenda e gratidão, sentido e embelezado na cadência do ponteio e na emoção da cantoria.

*É minha viola que chora e que ora nesta hora, deferente e santificada em meio à **Missa do Vaqueiro**. No verso, na rima e na cantiga, minha estória e minha herança, minha sina e pelejar.*

Em cada par de cordas da viola, a mensagem sonora e cantante, dueto e harmonia que embalam minhas loas e meus cantares, pura inspiração do meu jeito herdado e sedimentado de ser vaqueiro.

Abraço esta viola para rezar e cantar, para dizer ao mundo inteiro que até meu pobre tabuleiro, meu berço e nascimento eu ofereço ao Senhor, meu Deus de todo coração, nesta missa

do sertão. Se tanto eu tivesse para oferecer, Senhor, tanto mais eu vos daria. Mas recebe de bom grado meu agrado, minha sela, gibão, chapéu de couro, tudo mais que tenho para montar e trabalhar. Minhas raras alegrias, Senhor, chegadas no vento que traz o cheiro da chuva, presente nas trovoadas, e na primeira rama que o gado pega na pegada do inverno. Ofereço ainda as injustiças, nosso ganho tão tacanho, nossa lembrança e memória de Raimundo Jacó. Oferecemos sobre tudo nosso perdão para quem tirou do nosso convívio nosso companheiro Raimundo Jacó. Oferecemos a quietude e soledade dessas serras, a ventania solta, o eco do aboio, a poeira dos caminhos, a umidade da cacimba que agoniza, este mundo calado que desperta na
Missa do Vaqueiro.

SANCTUS SANCTUS

Santo, Santo, Santo Deus, Senhor do mundo do céu e da minha gente, que me deu família para trabalhar e vaquejar. Santo, Santo, Santo Deus, perdi-me na manga atrás do gado. Perdeu-se o boi que estava ali na hora escaldante do meio dia, por trás da cerca, dentro da seca, dentro do sol, encandeado, estropiado. Era de pedra, de poeira, fuga e arribação. Boi sertão, boi miragem, fantasia, assombração. Santo, Santo, Santo Deus, que fortuna no meu trabalho e nas patas do meu cavalo, carregando minha força e sua força, pisando e marcando na dureza do chão a passagem benfazeja do vaqueiro. Santo, Santo, Santo Deus, estou na minha casa, no meu terreiro rezando, esperando o fruto, a promessa do céu, a chuva, a enxurrada, a hora de plantar.

PAI NOSSO

*Pai Nosso, Pai Nosso, nosso pai da terra e do céu, a oração que Jesus ensinou, rezou e plantou no universo. Pai Nosso que estais no céu do sertão, a reza forte como fortaleza dessa gente nordestina que pisa o chão estéril, santificado pelo milagre da vida que nela fecunda e se aprofunda em Deus na hora sublime da **Missa do Vaqueiro**. A oração do homem e do Senhor que medra no tabuleiro, feita no sentimento, na palavra, no pensamento, no jeito, na fé, na ação e na vivência do sertão.*

Pai Nosso, tão nosso, tão integrado, que nem do vento se aparta para espantar a solidão. Pai Nosso que chega na poeira do tempo e ninguém concebe, para ficar tão nosso no pó da terra seca que as caminheiras acumulam. Perdoai, Senhor, os erros, os desatinos, as fraquezas, os desacertos que nos desvãos da vida tenha o vaqueiro praticado, se paciente no coice da boiada ou afoito nas pegas de boi, rente no lombo do cavalo, varando a mata rala, puxando a rê bravia, para puxar a teimosia de viver. Perdoai, Senhor, o perdão que ele não soube dar, ferrando para não perder de vista, a lembrança da hora passada, quando a rê se perdeu na seca, levando seu cavalo, arreios, seu trabalho, seu lugar e seu pão. Desviai, Senhor, do vaqueiro a tentação de não ser irmão, igual, na casa e no campo, no descanso e na luta, na estiagem e na invernada. Livrai-nos das doenças do corpo e da alma, da fome, da inveja, do ódio e da vingança. Deixa que a vida corra para o sem-fim do tempo e se o cavalo abalar o desembestar, toma as rédeas à razão, eterniza a vida de vaquejar, pereniza nossa fé, nosso trabalho e nossa união.

Pai Nosso, venha a nós o vosso reino e a vossa vontade nessa missa do sertão. Amém.

COMUNHÃO

Sol do meu terreiro e do meu chão, da minha casa e dos campos, da minha solidão e da sequeidão. Sol sem sombra, a miragem do fim. Eu tenho o sol, a terra e meu pé de serra, meu pé de esperança, meus pés de vento, que mudam o tempo, alternam a vida, o calor e o sofrer.

*João, meu irmão vem a mim que estou contigo, com tua família, com tua geração feita dos que passaram, projetada no que somos e no que seremos. Todos irmãos, irmãos vaqueiros que se encontram se reúnem, e se unem e se fortalecem neste grande encontro do sertão, na **Missa do Vaqueiro**. Vem com sua terra, sua família, seus costumes, sua cultura, seu cavalo, seus apetrechos de trabalho, suas preces, suas promessas e desencontros, vem com todos, com teu amor e tua oração, tua sede e tuas necessidades.*

Do fundo da Caatinga, o chamamento, a convocação para o banquete divino, humano, universal. Vem abraçar, participar, comungar.

Vaqueiro, Deus e o Sertão estão em tempo de comunhão. Escuta vaqueiro e recebe Deus no teu coração e no teu viver. Este é o meu corpo. Tomai e comei. Este é o meu sangue. Tomai e bebei. A comunhão eucarística.

Senhor, esta é a minha terra, meus filhos, minha morada. Tomai e abençoai e deles não se apartai.

Senhor meu sangue pulsa no meu pobre corpo tão vulnerável e fraco. Sangue de Raimundo Jacó, sangue de vaqueiro que fecundou a terra, a fé, o perdão. Senhor minha alegria,

cresce diante de vós. Sou pobre para ter e tão rico para dar. Da Vossa mesa ao sair, levo para a minha mesa e para o meu mundo Vossa infinita dádiva e Vosso infinito amor. Sou filho do sertão e quero trazer para meu sertão, solidário com a vida, alegria e sofrimento de todos homens da Terra. Venham todos a minha mesa. Abro o meu alforje para dividir, dar, distribuir meu sustento, minha vida e meu viver. Tenho farinha, rapadura, queijo e carne assada para também fazer comunhão. A comunhão de solidariedade, e assim fico mais perto de Deus e dos homens. Faço meu sertão fraterno digno e humano.

CANTO DE DESPEDIDA

A missa termina com mais esta reza de sol. Mais um canto e oração. Longe, toca o chocalho, pede um trabalho, chama por seu protetor e vaqueiro. Parte o vaqueiro depois da missa em paz consigo e com a terra, num passo, num galope e numa carreira. Vai longe, distante, sumido no caminho, encontrado e reanimado no destino de tanger a vida na tangida do gado, ou entretê-la de esperanças perdida na nuvem branca e na terra sem planta.

*As marcas da estiagem estão no chão, no seu corpo, entraram na sua casa. O remédio é regar a terra de oração, o que faz a **Missa do Vaqueiro**. Termina a missa, a crença é maior, o trabalho continua, reza-se o canto da despedida, desfaz-se o grande encontro do sertão. Cada um leva o seu motivo sertanejo para sua casa e para sua Caatinga. Tem mais confiança na sua gente e no seu Deus que estará presente nos seus passos, para jamais ser desolado o campo nem vazio seu coração.*

*Sozinho no quase cerrado, solta um aboio para seu mundo
parceiro e companheiro, a canção que seu povo e a natureza
lhe ensinou. Diz estar presente no seu mundo, no seu Deus e
deles não se afasta.*

São seus semelhantes e irmãos no desejo, no pelejar e na

Missa do Vaqueiro.

*Outro dia chegará e de novo o sol lhe guiará até a missa
do sertão.*

5. A experiência de uma frente cultural

A Frente Cultural de Serrita

A *Frente Cultural de Serrita* teve origem a partir de uma adaptação criativa da Fundação Quinteto Violado para uma das Frentes Produtivas do Programa Federal de Combate aos Efeitos da Seca, iniciando no dia 28 de dezembro de 1998. Obedecendo a uma estratégia de ação determinada pelo Comunidade Solidária e Sudene, e com o apoio da Prefeitura Municipal de Serrita, Sebrae e Assocene, cerca de 300 alistados entre integrantes da comunidade local optaram por uma das oficinas culturais oferecidas:

- ▶ Capacitação em **artesanato de couro** monitorada pelos mestres artesãos da região, mantendo as características artísticas locais na elaboração de produtos diversos. Para isso, foi instalada uma oficina com máquinas, ferramentas e bancadas para a produção de peças inspiradas na vestimenta dos vaqueiros.
- ▶ Formação de um coral composto por vaqueiros aboiadores – iniciativa inédita no país.

O **Grupo Coral Aboios**, sob a coordenação musical do Quinteto Violado, elabora um repertório

específico e original em duas vozes, executando cantos de trabalho dos vaqueiros.

► Capacitação e prática instrumental inspirada no **Trio Nordestino** – Acordeom, Zabumba e Triângulo –, utilizando instrutores e sanfoneiros da região, com a coordenação musical do Quinteto Violado.

► Capacitação e formação de **Guias Mirins**, com crianças e adolescentes com idade entre 10 e 15 anos. Essa iniciativa visava incrementar o conhecimento e estimular o turismo local, além de envolver toda a família nas atividades da Frente Cultural.

O palco das ações foi o município de Serrita, encravado no sertão pernambucano, a cerca de 600 quilômetros da capital do estado, Recife. Serrita é conhecida nacionalmente pela festa popular da *Missa do Vaqueiro*. Tradição cultural resultante dos costumes relacionados ao desenvolvimento da pecuária extensiva do semi-árido, essa festividade destaca a figura sertaneja do vaqueiro, símbolo da coragem, da resistência e da dignidade do nordestino.

Nessa região do Nordeste brasileiro, o vestuário, a música, a culinária, o artesanato em couro e a arte popular em geral estão marcados pela influência do vaqueiro, expressão de força e resistência, que se espalhou pelo país, ampliando o mercado para produtos e serviços que caracterizam a cultura do brasileiro nordestino.

A Frente Cultural de Serrita – entre outras coisas – identificou, estimulou, resgatou e registrou a expressão material

e simbólica do cotidiano dos produtores artesanais do couro. As oficinas para capacitação em artesanato de couro possibilitaram a aplicação da linguagem artística presente no imaginário popular sertanejo nordestino – impressa nos vazados e bordaduras que adornam o gibão (vestimenta dos vaqueiros) –, em produtos e objetos contemporâneos, como bolsas para viagem, pasta de documentos, bonés, cadeiras, tapetes, botas, sandálias, estojos etc.

Com o objetivo de incrementar e acrescentar novos itens à produção das oficinas de artesãos do couro, foram convidados *designers* e estilistas que pudessem sugerir e testar diferentes possibilidades para a aplicação da linguagem desenvolvida pelos artesãos locais. Os esforços foram sempre orientados para a obtenção de uma melhoria na qualidade do acabamento dos produtos e na criação de estratégias para inserí-los no mercado de artesanato.

Diversos aspectos envolvidos no processo de produção demandaram grande esforço de pesquisa, como a busca de uma solução para eliminar dos produtos o forte cheiro do couro, encontrada em uma tecnologia de tratamento da matéria-prima que apenas alguns curtumes possuem. Outro ponto, a composição dos preços das peças, levou em conta o custo da matéria-prima, mais o tempo da mão-de-obra empregada para a manufatura, baseado no valor do salário-mínimo da região.

As oficinas de artesanato em couro logo revelaram ser a mais bem-sucedida investida da *Frente Cultural de Serrita*. Entre todas atividades, essa foi a que por mais tempo alcançou o objetivo de assegurar um meio de sustentação economicamente viável. Soma-se a isso, a preocupação

com a valorização do homem, o apreço aos valores locais e a reafirmação da identidade cultural da região.

A oficina do Coral Aboios formou um grupo de 15 aboiadores com padrão artístico/musical capaz de representar e divulgar dignamente esse gênero original de canto de trabalho do vaqueiro nordestino. Um canto dolente, geralmente executado a uma só voz, cujo conteúdo envolve o imaginário do vaqueiro, os valores do entorno, o gado, o cavalo, a fazenda, os amores, a mulher bonita, a casa, os filhos, elementos estes, que aparecem na poesia improvisada e que dá o ritmo do tanger do gado, dos cuidados e do dia-a-dia do vaqueiro.

Esse canto – aboio ou toadas de gado – caracteriza toda a região habitada pelo vaqueiro, unidade social do sertão. O canto é desenvolvido à capela, portanto, sem acompanhamento de qualquer instrumento. Seu surgimento deve-se, sobretudo, à presença da igreja católica, com o canto gregoriano, e à presença moura, seus lamentos e cantos de anunciação. A estrutura do aboio obedece às mesmas regras do canto gregoriano, sem uma rítmica marcante e sem polifonia. Pela semelhança na forma, Toinho Alves, músico do Quinteto Violado, o chama de “canto gregoriano do sertão”.

Para o Coral Aboios, a gravação de um CD e convites para diversas apresentações têm viabilizado de alguma forma uma complementação de renda familiar para as famílias dos seus integrantes.

A capacitação de instrumentistas para a formação de grupos inspirados na composição do Trio Nordeste esbarrou na necessidade de uma orientação musical mais prolongada e aprofundada de conhecimentos musicais. Diversos

integrantes da comunidade desenvolveram habilidades práticas, ampliando alguns conhecimentos básicos já adquiridos pela própria intuição musical pessoal, para atuarem nos encontros musicais e forrós locais, sem contarem, no entanto, com uma evolução suficiente para colocá-los no mercado de trabalho com uma assessoria empresarial adequada.

A formação de guias mirins teve como meta explorar a vocação turística da região, ao mesmo tempo em que, envolvia com a Frente Cultural, o universo familiar dos participantes. Os filhos mais jovens, motivados particularmente pela realização da Missa do Vaqueiro, um dos principais eventos do calendário turístico/religioso de Pernambuco, receberam ensinamentos e informações fundamentais sobre a história do seu município, da sua região, bem como, os fundamentos que originaram a realização do acontecimento da Missa. O curso envolveu um grupo de 26 jovens, filhos de pais alistados na Frente de Emergência de Combate à Seca. Foi oferecida uma formação teórica e uma excursão aos pontos turísticos de Recife, Olinda e Itamaracá.

6. A Musiarte e o Grupo Coral Aboios

Após seis meses de atividades, a Frente Cultural de Serrita revelou-se uma importante ação sociocultural e econômica. Aproveitando recursos de infra-estrutura situada, promoveu a auto-estima da comunidade local no resgate do potencial criativo identificado com sua história. Naquele momento, para consolidar os objetivos, mostrou-se necessária a constituição de uma entidade auto-gestora que oferecesse oportunidades empresariais e comerciais aos envolvidos.

Assim, foi criada a Cooperativa Serritense de Arte e Cultura Ltda. – Musiarte. Sua concepção segue uma opção pedagógica de construção coletiva do conhecimento, necessária à compreensão e definição de mecanismos e instrumentos para criação e gestão do empreendimento solidário. A partir de setembro de 1999, a *Frente Cultural de Serrita* passou a integrar o Programa Nacional de Capacitação e Geração de Renda, de convênio firmado por meio da Sudene/Adene por iniciativa do Programa Comunidade Solidária e apoio da Assocene e Sebrae, que garantiu recursos para o aprimoramento das ações de instalação e capacitação da Cooperativa por um período de doze meses.

O grupo de artesãos e músicos capacitados na Frente Cultural consistiu o núcleo da Musiarte, cuja constituição ficou a cargo dos técnicos Assocene, convocada pela Fundação Quinteto Violado, contando para isso com o patrocínio do Sebrae. A cooperativa foi concebida através de uma opção pedagógica da construção do conhecimento necessário à compreensão e definição de mecanismos e instrumentos para criação e gestão do empreendimento solidário.

No evento *Além da Linha D'água* acontecido em São Paulo, promovido pelo Conselho do Comunidade Solidária em São Paulo, no mês de julho e agosto de 1999, a Musiarte apresentou uma mostra de artefatos que compunham a exposição pública do trabalho desenvolvido pelo Projeto de Apoio ao Artesanato para Geração de Renda, do Conselho do Comunidade Solidária. Na ocasião, seus artesãos ofereceram oficinas gratuitas com exposição dos produtos para venda e o Coral Aboios participou do espetáculo *Além da Linha D'água*, de Ivaldo Bertazzo, com participação da atriz Marília Pêra e trilha musical interpretada e criada em parte, pelo Quinteto Violado. Aconteceu no Teatro do Sesc Pompéia.

O Coral Aboios, que já havia se apresentado em diversos eventos e festividades no estado de Pernambuco, com essa temporada em São Paulo, convivendo num ambiente artístico de elevada importância e visibilidade, tiveram uma participação destacada no espetáculo e proporcionou naturalmente uma experiência fantástica para o crescimento e amadurecimento do grupo.

Tal atividade da Musiarte ocupou, naquele primeiro mês de trabalho, 20 artesãos e 12 membros do Grupo Coral Aboios, o que representou renda para 58% dos seus associados.

Apenas no mês de novembro de 1999, a Musiarte foi incluída no Programa Nacional de Capacitação e Geração de Renda, possibilitando a manutenção e supervisão dos trabalhos com recursos para mais dez meses. Naquele momento, questionávamos se era tempo suficiente para a consolidação da autonomia do grupo na operacionalização gerencial e empresarial da cooperativa instalada.

Conhecendo as limitações existentes na comunidade envolvida, sua característica de dependência e dificuldade de definir liderança entre os pares após anos e anos de subserviência política, e considerando o nível de compreensão das autoridades locais para apoiar uma iniciativa desse quilate na região, por diversas vezes procuramos chamar atenção dos parceiros envolvidos no processo.

Todavia, as variáveis que precisam ser valorizadas em um projeto dessa estatura são muitas. E, para o caminho da geração complementar de renda, o fundamental é o desenvolvimento dos canais de comercialização dos produtos derivados do trabalho, além da manutenção das capacitações para o aperfeiçoamento e aprimoramento das ações de gerenciamento e produção.

Outro aspecto relevante no processo da mudança comportamental e dos costumes locais diz respeito à descontinuidade nas ações. Empreende-se um enorme esforço buscando a motivação do grupo social para a promoção de mudanças, abrindo mão de outras formas de buscar sustento familiar. Se não há disciplina e regularidade nas ações, os trabalhadores não adquirem credibilidade nem os resultados almejados.

Encerradas as atividades com o Programa Nacional de Capacitação e Geração de Renda, a FQV procurou a Embratur e conseguiu aprovar para a *Frente Cultural de Serrita* o projeto *Implementação em Arte e Renda no Semi-árido Pernambucano*, que teve duração de doze meses.

Havendo sofrido uma interrupção no processo dos trabalhos com a Musiarte, foram reiniciadas ações de capacitação junto à oficina de artesanato do couro, trazendo técnicos para ministrar cursos, complementando o ferramental necessário e ainda trazendo algumas máquinas industriais para manufatura de produtos.

Nessa fase foi também implementado novo conceito para *design* de objetos em couro, imprimindo a linguagem estética dos vazados característicos do gibão do Vaqueiro. Foram elaborados um CD-ROM institucional para a Musiarte, uma programação visual para os produtos e uma concepção de embalagens.

O Coral Aboios foi mais facilmente mantido, com as capacitações em técnicas vocais, organização de repertório e estímulo para a composição e desenvolvimento de temas característicos do imaginário sertanejo. Conseguiram realizar a produção, com a coordenação artística do Quinteto Violado, do segundo CD. Da mesma forma, o seu lançamento proporcionou realce e inserção junto a mídia local, obtendo inclusive algumas veiculações em programas nacionais de TV. Esses acontecimentos proporcionaram novas contratações do grupo para apresentações que, somadas à venda dos discos, ampliaram recursos, gerando renda complementar para as suas famílias. Hoje, o grupo faz parte da realidade artística

regional com a originalidade que o tem mantido como único coral do gênero, obedecendo as características que o orientaram desde sua origem.

7. Bibliografia

GONZAGA DE ALBUQUERQUE, S. *O Bioma Caatinga representado na Cultura*. Popular Nordestina. Petrolina, PE: Embrapa, nº166, 2001.

LAPENDA, A. L., PAES BARRETO, J. R. e SETE, N. M. N. Recife, Gráfica Editora. Apipucos, 1990.

TEUCHLER, H. e SOBREIRA DE MOURA, A. *Quanto Vale a Caatinga?* Fortaleza, Fundação Konrad Adenaur, 2002.

Documentos:

Reserva da Biosfera da Caatinga. Folder publicado pelo Governo Estadual de Pernambuco, s/d.

Folha do Meio Ambiente. Brasília, novembro de 2001.

Declaração do Semi-Árido: Propostas da Articulação no Semi-Árido. Recife, 26 de novembro de 1999.

A Rede Mundial de Reservas da Biosfera. World Network of Biosphere Reserves, Division of Ecological Sciences. Unesco, Paris.
Internet VRL: www.unesco.org.:80/mab/the - Mabnet.html.

Documentos diversos dos arquivos da *Fundação Quinteto Violado*. E-mail: fqv@uol.com.br

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)